

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

# NA GÉNESE DAS RACIONALIDADES MODERNAS II

Em torno de Alberti e do  
Humanismo

MÁRIO KRÜGER *et alii*



**O DE RE AEDIFICATORIA E EUPALINOS:  
O PENSAMENTO “ARQUI-TÉCNICO E  
ARQUITETÔNICO” DE ALBERTI E DE PAUL VALÉRY.<sup>8</sup>**

**Carlos Antônio Leite Brandão**

**Resumo**

Em *Eupalinos* (1921), Paul Valéry expõe os princípios que, para ele, caracterizam a obra de arquitetura e a atividade do arquiteto. Tais características engendram um modo de pensar distinto tanto da atividade artística quanto da atividade científica, o que é crucial para o entendimento da operação e dos fins da arte de projetar, de construir e de habitar os edifícios e cidades. Identificar tanto a semelhança entre o pensamento de Valéry e as proposições de Alberti no *De re aedificatoria* quanto a sua atualidade é o propósito deste artigo e a razão de sua atualidade.

Leon Battista Alberti; *De re aedificatoria*; Paul Valéry; Eupalinos

**Résumé**

Dans l’*Eupalinos* (1921) Paul Valéry nous donne les principes que, à son avis, distinguent l’oeuvre d’architecture et l’activité de l’ar-

---

<sup>8</sup> De forma oral e resumida, esse texto foi apresentado na conferência de abertura do II Congresso Internacional “Na Gênese das Racionalidades Modernas: em torno de Alberti e do Humanismo”, realizado no Museu da Ciência e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra em 15 de abril de 2013. Ele integra a produção de nossa pesquisa “A atualidade do *De Re Aedificatoria*, de Leon Battista Alberti” desenvolvida junto à UFMG e ao CNPq/Brasil e dá continuidade aos trabalhos e parcerias interinstitucionais oriundos de nosso estágio sênior realizado na Fondation de la Maison des Sciences de l’Homme/École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, 2010/2011), com o apoio da CAPES/Brasil.

chitecte. Ces principes engendrant une façon de penser distinctive de l'activité artistique et de l'activité scientifique, ce qui est capital pour la compréhension de l'opération et des objectifs de l'art de projeter, de bâtir et d'habiter les édifices et les villes. Identifier les similitudes entre la pensée de Valéry et les propositions du *De re aedificatoria* aussi bien que son actualité, c'est la proposition de cet article.

Leon Battista Alberti; *De re aedificatoria*; Paul Valéry; Eupalinos

### **Abstract**

In Eupalinos (1921), Paul Valéry sets out the principles that, for him, featuring the work of architecture and the activity of the architect. These characteristics propose a way of thinking distinct both of artistic activity and of scientific activity, which is crucial for understanding the operation and goals of art to design, build and inhabit buildings and cities. Identify both the similarity between the thought of Valéry and the propositions of Alberti in *De re aedificatoria* according to its relevance is the purpose of this paper and the reason for its relevance.

Leon Battista Alberti; *De re aedificatoria*; Paul Valéry; Eupalinos

Este trabalho e este evento emergem da formação de um grupo internacional de pesquisadores e instituições sobre Alberti e sobre o humanismo proporcionada pelo estágio sênior que realizei em Paris em 2010, com o auxílio da CAPES e com a colaboração do Prof. Francesco Furlan, a quem agradeço aqui, mais uma vez, bem como de outros estudiosos com quem tenho tido o prazer de conhecer e conviver. Minha participação nesse grupo, ainda em consolidação, tem se dedicado a relacionar Alberti com a arquitetura e a cidade contemporâneas, tema de minha intervenção no I Congresso Internacional “Na Gênese das Racionalidades Modernas: em torno de Alberti” (Belo Horizonte, abril de 2011), e com outros campos do conhecimento como a literatura e a filosofia, tema de nossa intervenção neste evento.

Paul Valéry e Leon Battista Alberti situam-se nos dois extremos da racionalidade moderna ocidental: o primeiro no momento em que ela entra em crise e o segundo em sua gênese. Mas essa distância é justamente o que os reúne. Ambos ajudam a construir e exploram essa racionalidade e ambos suspeitam dela. *Eupalinos* é um texto encomendado pela revista *Architectures* a P. Valéry, com um tamanho pré-determinado de 115.800 caracteres, e publicado em 1921. O estupendo diálogo entre Sócrates e Fedro no inferno, quando eles já não são mais do que meras sombras sem corpo, lança um olhar crítico sobre a relação entre a filosofia e a arte de construir, até encontrar nesta os valores máximos que aquela não alcança, tais como a capacidade de entrelaçar corpo e espírito, de alcançar uma materialidade e uma permanência que as palavras voláteis dos filósofos não atingem, de acionar um pensamento capaz de operar o mundo e os homens e que difere tanto da especulação filosófica e tecno-científica sobre o mundo, os homens e o absoluto quanto da expressão da subjetividade que caracteriza a pintura e a escultura, sobretudo modernas e contemporâneas. No *De re aedificatoria*, escrito provavelmente entre 1448 e 1452, Alberti também faz da arte edificatória um paradigma do pensamento e da atividade construtora que distingue-se da “inutilidade” da filosofia escolástica, como a que Caronte critica em Gelasto no *Momus*, fábula que Alberti escreve na mesma época do seu tratado sobre arquitetura e urbanis-

mo.<sup>9</sup> Mas, ao fazer isso, Alberti estabelece também sua distância frente a uma arte que se assenta na expressão da subjetividade pessoal, que não atinge uma universalidade e uma racionalidade compartilhadas, que não sirva aos desejos e necessidades dos seres humanos e da *polis*, que não articule projeto e obra, *lineamentis* e *materia*, espírito e corpo.

Há inúmeras afinidades entre nossos dois escritores, apesar das diferenças devidas, sobretudo, aos contextos em que escrevem. Alberti parte da crítica a uma cultura do supérfluo, do inútil e do deleite privado para resgatar o valor da sobriedade, da “razão compartilhada” e da *res publica*. A jusante do racionalismo moderno e de sua separação entre *res cogitans* e *res extensa* e entre alma e corpo, Valéry parte do pólo oposto: ele resgata o corpo, o sensível e a finitude como o palco da ação humana. Nossos autores percorrem o mesmo caminho em sentido inverso até encontrarem-se no meio dele para desvelarem, juntos, a arte do construir como uma instauração do humano e do cosmos que lhe é próprio de frente à natureza e ao *Bios*, o rio de que nos fala Alberti no *intercoenale Fatum et Fortuna*, que tudo transforma e consome: “É preciso escolher entre ser um homem, ou então um espírito”, ressalta o escritor francês.<sup>10</sup> Ambos escolhem o homem e fazem o ato edificante partir dos limites e precariedades afetos à sua condição mortal e finita. Ambos reconhecem a força do tempo e da *fortuna* e ambos sabem que a possibilidade da ruína e do desmoronamento das obras é o testemunho delas existirem, de não serem apenas falácias, fumaças e palavras “líquidas”. É justamente essa possibilidade o que confere realidade, precisão e solidez ao ato de edificar as construções, a vida e a si próprio. Essa precisão e solidez são remarcadas ao longo de todo o *De re aedificatoria* e de *Eupalinos*. Ambos

---

<sup>9</sup> Cf. LEON BATTISTA ALBERTI. *Momus o del príncipe* (a cura di Rino Consolo). Genova: Costa & Nolan, 1986, p. 311.

<sup>10</sup> PAUL VALÉRY. *Eupalinos*, p. 129. Para as referências e citações aqui utilizadas baseamos na edição bilingüe francês/português de PAUL VALÉRY. *Eupalinos ou O Arquiteto*. Trad. Olga Reggiani. São Paulo: Editora 34, 1996; na edição francesa de PAUL VALÉRY. *Eupalinos, L'Ame et la Danse, Dialogue de l'Arbre*. Paris: Gallimard, 1994; e na edição de LEON BATTISTA ALBERTI. *De re aedificatoria. L'architettura* (a cura di Renato Bonelli e Paolo Portoghesi). Texto latino e tradução para o italiano de Giovanni Orlandi. Milano: Il Polifilo, 1966.

não conferem plenitude exclusiva ao corpo, à alma ou ao tempo, mas ao entrelaçamento dos três. Ambos concebem o conhecimento como uma construção e uma auto-construção, e não como uma contemplação passiva. Por isso, para nossos dois autores, o ato mais completo é o de construir “arqui-técnicamente”. Ambos formulam estar nos atos e na combinação de atos a componente divina do ser humano. Já no Prólogo do seu tratado, Alberti enaltece a arte de construir como a mais fundamental para a realização do “humano do homem” e para que os homens se reúnam em uma comunidade ou *res publica*. Valéry também nos aconselha que nos “atos, e na combinação de atos, é que devemos encontrar o sentimento mais imediato da presença do divino. [...] Ora, de todos os atos, o mais completo é o de construir.”<sup>11</sup>

O Deus a ser imitado no ato construtivo é o “*arché-tecno-logos*”, a construir a partir de “princípios separados”, sobre o que falaremos mais adiante, e a impor a execução ao seu pensamento e o pensamento à execução, tal como Alberti ao associar a teoria e o “desenho mental” com o construir e com a experiência no canteiro de obras. Esse pensamento-ato “arqui/+/tectônico” é o modo pelo qual descobrimos e extraímos de nós mesmo o que não suspeitávamos possuir. Construir é a razão do pensar, como também o será em Leonardo. Ao construir assim, saímos da nossa própria natureza e do estado em que julgávamos estar naturalmente presos. Alberti, Valéry e, também, Da Vinci, supõem ser a razão uma construção e condenam toda filosofia que não leve em conta o obrar e o fazer. Neles, o construir tem equivalência ou até precedência sobre o conhecer e o conhecimento é um misto de teoria e de experiência que requer a práxis.

Eupalinos, o arquiteto, é quem concebe, com ordem e nitidez, o que nós queremos e não sabemos que queremos, o que nós somos e não sabemos que somos, o que nós conhecemos e não sabemos que conhecemos. O papel do arquiteto de Alberti e Valéry é defender-nos de construções incoerentes e de uma existência fugaz, feita de quimeras, dos imponderáveis

---

<sup>11</sup> PAUL VALÉRY. *Eupalinos ou O Arquiteto*. Trad. Olga Reggiani. São Paulo, Editora 34, 1996, p. 69.

do sensório e da *fortuna*. E o papel da arquitetura, em ambos, é modelar um novo tipo de racionalismo simultaneamente idealista e empírico, intelectualista e prático. Indo além do objeto empírico a que se dedica, a arte de Eupalinos aponta para um modo de pensar, para uma “arquiteturologia”, como comenta Patricia Signorile, feita de uma “razão polêmica” e da tensão permanente entre o pensamento abstrato e o pensamento concreto, entre a inteligibilidade do necessário e do universal e a do contingente e do singular.<sup>12</sup> Essa razão que se movimenta permanentemente entre pólos opostos e que nunca se deixa apaziguar é a característica principal do pensamento e da filosofia também de Alberti.<sup>13</sup>

Pensar o modo de edificar bem serve para construir uma outra forma de pensar, diferente da razão instrumental ou manipulatória que caracterizou o Ocidente moderno e que encontra-se em crise. Valéry e Alberti buscam uma filosofia da ação, e não da posse e do controle instrumental absoluto das coisas e do mundo. Para eles, o pensamento filosófico não é a execução verbal e a emissão de palavras socráticas, mas uma construção, uma criação, um *lineamentis* capaz de se desdobrar em atos e coisas, de conferir ao saber um poder formador e de valorizar o corpo como a instância que permite nossa existência estabelecer contato com o mundo e com a superfície das coisas: “a profundidade do homem é a sua pele”, diz Valéry.<sup>14</sup> O grande esforço do conhecimento humano é conquistar a superfície das coisas, inclusive a do seu corpo e de suas ações. É no contato com a resistência do meio natural e cultural que adquirimos consciência de nosso existir, tal como é no contato com a pedra que o pensamento e o número conhecem sua solidez e sua consistência. Opondo-se à desordem intrínseca das coisas, a *ratio* humana dá-lhes ordem, forma e permanência. Ela age contra a

---

<sup>12</sup> Cf PATRICIA SIGNORILE. *Paul Valéry, philosophe de l'art*. Paris: Vrin, 1993. pp.11-13.

<sup>13</sup> Sobre esse aspeto capital se notabiliza a leitura da obra albertiana feita por Eugenio Garin, a qual revolucionou a perspectiva historiográfica de Alberti e do humanismo. De Garin e sobre este tema recomendamos “Il pensiero de L.B. Alberti: caratteri e contrasti”, in *Rinascimento*, Firenze, Serie II, n.12, pp.3-20, 1972; *Medioevo e Rinascimento: studi e ricerche*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1954; *Rinascite e rivoluzioni*. Bari: Laterza & Mondadori, 1992; *L'umanesimo italiano*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1952.

<sup>14</sup> PATRICIA SIGNORILE. *op. cit*, p.68.

entropia e o caos natural, reconstrói o mundo dado para construir-se a si própria. Para Valéry, leitor de Viollet-Le-Duc, e para Alberti somos mais na medida em que construímos do que na medida em que cogitamos. Na experiência e na construção das coisas segundo o nosso *design* (“desígnio” e “projeto”) nos edificamos. Conhecer o mundo é reconstruí-lo. Construir um mundo é construir um espaço e um tempo que sejam capazes de absorver os espaços e tempos particulares para conferir-lhes uma forma e uma duração mais sólidas, mais perenes, mais universais e mais convenientes. Com seu silêncio, a arquitetura serve na medida em que confere lugar ao nosso corpo, ao nosso espírito e ao nosso tempo. Assim, ela modela uma nova *arché* para a razão, o espaço e o tempo do homem e o torna mais confiante nas suas potencialidades de construir um mundo novo, em vez de contentar-se em adaptar-se a um mundo oferecido como uma construção técnica irrevogável, instrumental e manipulatória da qual não se poderia escapar.

No que concerne à arquitetura, às cidades e ao trabalho do arquiteto, as afinidades entre o humanista genovês e o escritor francês poderiam ser estruturadas segundo algumas tópicas, e este é o estudo que circunscreve a presente exposição, tais como: a) a necessidade de clareza, exatidão e rigor; b) a classificação das artes e o papel exponencial da arquitetura dentre elas; c) a importância do trabalho do tempo, até como modo de se enfrentar o “tempo devorador de todas as coisas”, *tempo edax rerum*; d) a relação orgânica das partes entre si e com o todo tanto no edifício quanto na cidade, uma vez que, como repete Alberti ao longo do seu tratado, “o edifício é como uma pequena cidade” e “a cidade é como um grande edifício”; e) a gnosiologia que requer, em ambos os autores, o corpo e o espírito, a “mente” e a “matéria”; f) a ênfase e o papel da geometria, através da qual o espírito comunga a matéria; g) a origem e o sentido da arte de construir que ambos os autores nos oferecem como prolegômenos de uma mesma filosofia da arquitetura; h) a consubstancialidade entre o ato de construir e a palavra poética e construtora e que se distingue das palavras e das construções banais, quiméricas ou meramente instrumentais; i) as considerações sobre o Belo, a Estética e a *poiesis*, em nítido contraste com aquelas oriundas de uma beleza que se atém ao



aspecto sensorial, e não sensível, ao exibicionismo técnico ou à simples expressão, quase nunca articulada, da subjetividade narcísica do artista.

Além desses pontos de contato, há uma analogia “metodológica” entre os dois autores. Ambos procuram perspetivar o mundo “à distância”, a partir de um “olhar alado”, como diz Alberti, que pode ser exemplificado tanto pelo personagem Neophronus do *Defunctus* quando por Sócrates e Fedro em seu diálogo ambientado nas sombras de depois da morte. Só nessa distância podemos medir o sentido e o valor das coisas e de nossas palavras, idéias e ações.

Não cabe, aqui, desenvolver, todas essas tópicas. Dedicaremos-nos apenas a uma delas e que não foi referida acima: a conceção do que distinguiria um pensamento “arqui+/técnico” ou “arqui+/tectônico”, comum a Battista Alberti e a Paul Valéry. A arquitetura é comumente vista como um misto de arte, técnica e ciência. Nessa visão, ela é considerada como uma somatória delas ou como algo que estaria entre elas. Contudo, cremos que Alberti e Valéry nos indicam que a racionalidade e a metodologia arquitetônica e urbanística não são compreendidas se as modelamos com base na racionalidade técnico-científica, por um lado, ou na racionalidade artística, por outro, e nem na combinação de ambas. O ato de construir comporta uma racionalidade, um pensamento e um método próprios e é isso o que o distingue, o que lhe confere importância e o que faz dele uma alternativa com que questionar as racionalidades e métodos da arte, da técnica, da ciência e da filosofia, como o próprio Sócrates confessa ao concluir-se o relato de Fedro sobre Eupalinos.

Clareza, rigor e nitidez são os apelos que mais ressoam nas palavras e nas ações de Eupalinos de Megara e no *De Re Aedificatoria*. O fracasso de encontrarmos alternativas para a razão “instrumental ou manipulatória”, responsável por diversos impasses cruciais no século XX como os de ordem cultural, científica, ética, política e ambiental, deve-se parcialmente a termos apelado apenas para o que aparentemente se opunha a ela e termos, assim, inflacionado o poder do acaso, das pulsões e da fantasia, como é freqüente em muito das proposições teóricas e construtivas da arquitetura e da cidade contemporâneas. Faltou-nos talvez mergulhar criticamente dentro dessa “razão instrumental”, mais do que fez T. Adorno,

por exemplo, de modo a atravessá-la, pervertê-la, cortá-la e escavá-la até encontrar o sentido e a forma de outras razões que ficaram soterradas no passado, como a “arqui-tetônica ou arqui-técnica” que o *De re aedificatoria* e o *Eupalinos* expõem.

Alberti e Valéry não negam o pensamento técnico em nome da arte ou da expressão da parte de nossa subjetividade não abrigada nele. Ao contrário, eles partem e valorizam o pensamento técnico para só depois introduzirem e explorarem a articulação deste pensamento com uma *arché* que o ultrapassa e o determina. Em grego, *arché* tem um triplo sentido: “comando”, “princípio” e “origem”. No início de seu depoimento a Sócrates, Fedro começa por depor o perfeito ajuste entre o que os operários faziam na obra e o que Eupalinos propunha. Parecia-lhe que aqueles operários não eram mais do que o prolongamento dos membros do arquiteto.<sup>15</sup> Sócrates, o “Filósofo”, almeja uma beleza que independa dos sentidos e das formas sensíveis. Ao contrário, Fedro, fazendo-se porta-voz de Eupalinos, considera as formas aparentes e as graças corpóreas como a sede da beleza que seduz os homens e como meios para este alcançar estados mais elevados. Enquanto Sócrates se põe a meditar sobre a beleza, Fedro avalia que, no caso da arte de construir, essa meditação envolve pensar também em como fazê-la e atualizá-la, já mesmo na fase de elaboração do projeto. O pensamento e a razão do arquiteto já são uma “construção” e não se confundem com uma contemplação ou especulação vazia, sem forma e sem propósito. Também o *lineamentis* albertiano exige antecipar o construir para dentro de si. Suas linhas, ao serem traçadas, comportam um saber executivo através do qual elas se tornarão paredes, janelas, tetos, fortificações, pontes, templos e praças.

Pensar a construção em projeto é, simultaneamente, pensar as próprias possibilidades construtivas, como as técnicas e econômicas. Esse pensamento implica, portanto, um reconhecimento, um exame e uma edificação de si mesmo e do contexto circundante. Ao pensar o construir, pensamos e construímos nós mesmos. Esse é um dos valores fundamentais do “pensamento construtor”. Por isso, esse pensamento é, ao contrário de

---

<sup>15</sup> PAUL VALÉRY. *op. cit.*, p. 31.

grande parte das fabulações contemporâneas em arquitetura e urbanismo, avesso à mera expressão da subjetividade e às formulações fantásticas e surrealistas. Ele se prende às possibilidades humanas e ao fim humano de construir e servir a uma vida melhor, *bene beateque vivendum*, com diz Alberti em vários de seus livros. Diz Valéry:

“*Sou avaro de divagações, concebo como se executasse. Jamais contemplo, no espaço informe de minh’alma, esses edifícios imaginários que estão para os edifícios reais como as quimeras e as górgonas estão para os animais verdadeiros. Ao contrário, o que penso é factível e o que faço refere-se ao inteligível.*”<sup>16</sup>

Como no *De Re Aedificatoria*, a construção do habitar é uma forma de me haver, de me ter, de me conhecer e de me edificar. Nossa existência e nossa razão não são dadas de antemão, mas construídas.

Erigir o humano do homem é a tarefa dos *studia humanitatis* do Renascimento. A ação edificatória, incluindo a de restaurar os edifícios e as cidades, é também instrumento crucial dessa tarefa, seja para Alberti seja para Eupalinos. Ela exige conferir nitidez aos pensamentos até que eles se esbocem e se destilem em atos construtivos, como os que ergueram o templo de Corinto, diz Valéry. Construir com arte, afirma Eupalinos, requer meditar “até o fundo do seu ser e até que o extremo da realidade nos faça encontrar um deus na própria carne, um espírito no ato de construir e um corpo no ato de pensar”. Não é outra a razão da insistência albertiana em meditar longamente os projetos a serem edificados, consultar assiduamente os peritos, aplicar-se ao desenvolvimento de maquetes, ver e rever os projetos no fundo de seu espírito. Os atos construtivos são *mimesis* que traduzem e interpretam as idéias de que são gerados.

Assentada a base técnica e construtiva inerente ao pensamento que constrói, Valéry distingue o que caracteriza o pensamento “arqui-técnico” ou “arqui-tetônico”. No *De re aedificatoria*, Alberti exigia do arquiteto meditação longa, feitura de maquetes e consulta a peritos e

---

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*, p. 51. Itálicos nossos.

outras pessoas que pudessem contribuir para sanar possíveis erros e aperfeiçoar o projeto. Isso se deve, dentre outras razões, às limitações de todo projetista individual. Mas deve-se também ao propósito de fazer da instância projetiva um modo de reunir as pessoas e de constituir uma razão comum e compartilhada. É dessa razão que o projeto deve emanar e é a ela que a razão do arquiteto deve dar lugar. É necessário deixar o tempo trabalhar para as decisões amadurecerem, uma vez que a verdade de uma obra de arquitetura e de urbanismo se revela somente com o tempo. É preciso usar esse tempo para evitar as corrosões e deteriorações que o próprio tempo aplica sobre todas as coisas – tempo *edax rerum*.<sup>17</sup> Também Eupalinos propõe-nos uma meditação profunda e longa sobre o ser e o dever-ser do projeto até que ele se converta na ação construtiva apropriada. Essa longa meditação incorpora o fazer na ideação e o espírito nos atos que erguerão os edifícios e as cidades. Não se trata de dar vazão a uma subjetividade, como a pintura e a escultura costumam fazer, mas de constituir uma beleza, uma racionalidade comum e compartilhada. Por isso, o arquiteto de Alberti e Valéry deve retardar, interromper ou suspender as “graças” ou inspirações imediatas e fazê-las “aguardar o seu sinal”.<sup>18</sup> A razão do arquiteto deve comandá-las, e não ser comandada por elas. A obra do arquiteto deve responder a algo que vai além do instante. Ela não atende apenas ao imediato e ao presente em que nossa existência está mergulhada, mas também à história e às exigências razoáveis do que foi, do que é e do que será. Retarde-se as idéias, portanto, para que o pensamento técnico encontre a *arché*, não mais entendida apenas como um comando mas como uma pergunta e um princípio encontrados na origem, no tempo e/ou na história e a uma dimensão ética que não se limite às conveniências ocasionais e passageiras de nosso próprio presente.

A intenção de construir, Sócrates confessa, sempre inquietava seu pensamento, mas as circunstâncias impediram-no de formar o arquiteto

---

<sup>17</sup> Sobre o tempo da arquitetura e o tempo *edax rerum*, cf. ALBERTO CASSANI. *La fatica di costruire. Tempo e matéria nel pensiero di Leon Battista Alberti*. Milão: Unicopoli, 2000.

<sup>18</sup> Cf. PAUL VALÉRY. *op. cit.*, p. 63.

que ele guardava dentro de si. O que inquieta o pensamento da técnica, da τέχνη, é justamente a intenção de construir, de obrar, de gerar, o que está presente também no pensamento do arquiteto e do artesão e nos instrumentos que eles utilizam. Contudo, nas obras da *arché-techné*, “os princípios acham-se separados da construção, e são como que impostos à matéria por um tirano estrangeiro, que lhe comunica esses princípios, por meio de atos”.<sup>19</sup> Por essa razão, essas obras resistem ao tempo e à *fortuna*, evitam o acaso e escapam da ordem e da evolução pré-determinada e invariável dos entes criados pela natureza. Para isso, a *arché-techné* viola essa ordem primeira e funda novos princípios mediante uma razão e uma intenção que delinea e forma. Seus produtos são gerados por atos intencionais, e não por instintos, hábitos ou costumes irrefletidos, como geralmente procedem os operários e artesãos. Os objetos “*arché-técnicos*” são gerados por atos do pensamento construtivo que impõe às coisas seus próprios princípios consubstanciados em um “projeto”. Esses princípios não se confundem com a construção e são estabelecidos pelo “*arché-técnico*” em seu trabalho *ab mentis*. *Arché*: princípios. Ao separar os princípios e o projeto *ab mentis* da execução, passa-se do pensar da *techné* ao pensar da *arché-techné*, *archi-tektonikos*, ἀρχι+τεκτονικός. A natureza trabalha “sem ensaios ou retrocessos, sem modelos, sem intenção particular, sem reservas; não separa projeto de execução.” Já na “arqui-técnica” e na construção com *arché*, “o projeto é bem separado do ato e, o ato, do resultado”.<sup>20</sup>

Reencontra-se, aqui, algumas inovações introduzidas pelo *De re aedificatoria* e pelo Renascimento frente ao modo de produção da arquitetura e da cidade medieval: a separação do arquiteto e do artesão, a constituição da arquitetura como atividade intelectual ou *ars liberalis*, a invenção do projeto tal como o concebemos hoje, o comando que o *lineamentis* deve exercer na execução do edifício, a importância do trabalho do tempo e do exame meticuloso já na fase de projeto, o advento da teoria para articular a prática, a eliminação máxima possível dos fatores casuais e a

---

<sup>19</sup> PAUL VALÉRY. *op.cit*, p. 135.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 135.

necessidade de a obra prever e enfrentar com rigor os efeitos das intempéries e do tempo *edax rerum* mediante a *virtù* com que ela se arma na fase de elaboração mental e de escolha dos materiais.

O *lineamentis* ou “linhas da mente” requer desenhar e conferir limites. O desenho que o arquiteto traça não é mais o “risco” ou rabisco medieval, o qual não se alicerçava em princípios propriamente separados, capazes de comandar a execução e de minimizar os efeitos do acaso, das intempéries e da *fortuna* ao longo da construção e da história dos edifícios, depois de eles serem concluídos e utilizados. Trata-se, agora, de construir uma “figura” que seja, simultaneamente, a “planta” e o “plano/desígnio” do edifício. O arquiteto que emerge com Alberti deve construir essa figura com método, modelo, maquete, idas e vindas, intenção e prudência extremas tendo em vista a perspectiva que ela fornece da obra futura, não apenas visualmente, mas também dos problemas de execução, apropriação e durabilidade da edificação diante das vicissitudes da *fortuna* e dos assaltos do tempo, das intempéries e, sobretudo, do próprio ser humano e sua propensão natural a arrasar e destruir tudo, sua *mania* e sua *insania* originais. O objeto “arqui-tectônico” é obra da cultura contra essa natureza *naturata* e a natureza humana. Ele constrói-se em dois tempos: o do *lineamentis* mental do projeto e o da operação sobre a *materia*, desde a escolha dos materiais até os atos construtivos realizados pelo braço do operário, o qual prolonga o gesto “plantado” e “projetado” por Eupalinos. O movimento construtivo rearticula gesto e braço, desenho e matéria. Concluindo: no *Eupalinos* e no *De re aedificatoria* o construir parte de princípios separados estabelecidos por um pensamento “arqui/+/técnico”.

Para Vitruvius e para Alberti, a solução arquitetônica deve atender simultânea e equilibradamente aos requisitos técnico-construtivos, *firmitas*, às necessidades e comodidades humanas, *utilitas/commoditas*, e ao deleite a ser proporcionado ao sensível, *venustas*. Valéry não apenas conhece esse caráter “triádico” da resolução arquitetônica como o leva para uma filosofia mais geral do ser humano:

“O homem discerne três grandes coisas no Todo: ele aí encontra seu corpo, sua alma, e há o resto do mundo. Entre essas coisas um

incessante comércio se estabelece e, às vezes, até mesmo uma confusão se opera. [...] Logo, é razoável pensar que as criações do homem se realizam, ou bem em função do seu corpo, e aí está o princípio que chamamos utilidade, ou tendo em vista sua alma, e aí está o que ele persegue sob o nome de beleza. Mas, por outro lado, aquele que constrói, ou cria, atento ao resto do mundo e ao movimento da natureza, que perpetuamente tendem a dissolver, a corromper ou a arrasar o que ele faz, deve reconhecer um terceiro princípio: este o obriga a tentar comunicar às obras a resistência que ele quer que elas oponham ao seu destino de perecer. Procura então a solidez ou duração”.<sup>21</sup>

A proximidade entre Valéry e Alberti é acentuada por duas noções que percorrem este trecho. Primeira: a força com que aparece o tempo *edax rerum* e a dissolução que ele, a *fortuna* e a natureza aplicam sobre as coisas. Isso confere à capacidade do edifício e da cidade resistirem um valor e um critério fundamentais para orientar as decisões e escolhas do arquiteto. A segunda noção é a consideração de que o ser humano encontra três grandes categorias de coisas no Todo: as que se referem ao seu corpo e ao princípio de utilidade; as que se referem à sua alma e ao princípio da beleza e as que se referem ao “resto do mundo”, ou seja, ao tempo, à natureza e ao princípio de solidez e durabilidade. É imediata a analogia com a tríade vitruviano-albertiana da *utilitas/commoditas*, da *venustas* e da *firmitas*, formulada no *De Architectura* e no *De Re aedificatoria*. Há nisso um parentesco com um trecho capital da antropologia albertiana: Giannozzo, no *Della famiglia*, afirma que apenas três coisas pertencem propriamente ao ser humano e que jamais dele podem ser retiradas: o corpo, a alma e o tempo.<sup>22</sup> Tanto Alberti como Valéry colocam a produção arquitetônica como aderida ao cultivo destes três bens “mais preciosos” do ser humano, o que lhe confere nobreza e importância ímpar. Com certeza Valéry era leitor bem versado em Viollet-le-Duc. Mas o

---

<sup>21</sup> PAUL VALÉRY. *op. cit.*, p. 137. Os grifos são de Valéry.

<sup>22</sup> Cf. LEON BATTISTA ALBERTI. *I libri della famiglia* (a cura di Ruggiero Romano e Alberto Tenenti). Torino: Einaudi, 1969. p. 205-206.

trecho acima quase nos sugere ter ele tido algum contato com as noções de Alberti, ainda que indiretamente.

Resumindo: o método e o pensamento “arqui-técnico” e “*arché*/+/tectônico” fazem-se mediante princípios separados e projeto (*lineamentis*). Isso o distingue do método e do pensamento dos artesãos e dos artistas, pois estes se mesclam incessantemente à natureza e à ação da *techné*, tal qual o braço ao gesto. Essa distinção aproxima a “arqui-técnica” e a “arqui-tectônica” do poeta, do músico e do geômetra, os quais também abstraem alguns princípios e qualidades no que é sensível e real, de modo a triunfar sobre ele e a natureza. A teoria da arte e do Renascimento recorreu largamente ao conceito de *mimesis*, desde Platão e Aristóteles. Alberti, Leonardo e outros também falam de imitação da natureza ao considerarem a atividade projetiva, construtiva e artística. Contudo, essa *mimesis* deve ser entendida como um modo de roubar da natureza os seus segredos, por vezes denominados *natura naturans*, e obrigá-la a opor-se a si própria, como um tirano, de maneira a dar passagem ao espírito e ao humano. Esse roubo exige astúcia: aparenta imitar a natureza quando na verdade pretende estrangê-la e substituí-la para nela introduzir o espírito. A geometria e os números capturados na armadilha do *logos* “arché-técnico” servem de base à construção de uma segunda natureza, para o mundo e para o ser humano.

Na fábula *Momus*, escrita por Alberti, a figura do pintor aparece para se contrapor à do filósofo escolástico. No diálogo de Paul Valéry, é a figura do arquiteto construtor que é contraposta à de Sócrates. Para Eupalinos, avizinhamo-nos da divindade não pela contemplação, mas por nossos atos e pela combinação deles, ou seja, pela *vita ativa*, que os humanistas divulgaram em lugar do ideal medieval de “vida contemplativa”.<sup>23</sup> O ato construtivo é exemplar e um modo privilegiado de conhecer a matéria do mundo e a nós mesmos, como observa-se também em Alberti. Menos do que do talento ou do dom, a razão do “arqui-técnico” emana do exercício e do “engenho”, pois também ela é fruto de uma longa e paciente construção. Mesmo que o Universo surja de um Ser e de um Pensamento,

---

<sup>23</sup> PAUL VALÉRY. *op. cit.*, p. 167-169.



nós só podemos integrar-nos ao seu “desígnio/*design*” mediante atos e corpo, diz Valéry, cuja filosofia sempre teve como um dos temas centrais a crítica à separação cartesiana entre corpo e espírito. O “arqui-técnico” imita um Deus que é ato, que constrói a partir de princípios separados aos quais se associa o agir. Esse pensamento-ato “arqui-tetônico” ou “arqui-técnico” remete à *arché*. Do mesmo modo, o *De re aedificatoria* vê a complexidade, a excelência e a consistência do ato de construir em função dos homens. Anti-natural e dirigido inicialmente contra uma ordem dada, ele é um ato libertador ao servir como um instrumento para desvelar e construir o que não suspeitávamos possuir: a nossa mortal divindade.